



### UM CASAMENTO EM CEYLÃO.

Os velhos celibatarios, homens ou mulheres, são mui raros na ilha de Ceylão. A razão é talvez serem os laços da vida conjugal mui pouco rigorosos n'este paiz: o divorcio é facilimo; comtudo a mulher separada do marido não póde contrahir outras nupcias sem que elle tenha feito a escolha de uma nova esposa.

Logo que um mancebo chega á idade do dezouto a vinte annos seu pae trata de procurar-lhe um partido conveniente. Troca algumas visitas com o pae da menina que deseja dar-lhe por mulher, e se fica satisfeito do que observa, diz ao filho que trate de introduzir-se, sob qualquer pretexto que seja, em casa da noiva. O futuro esposo não deve apresentar-se-lhe com o seu verdadeiro nome; nem tão pouco proferir qualquer palavra que dê a entender as suas intenções, as suas esperanças ou os seus receios. De resto elle está ligado pela palavra que deu seu pae; é-lhe mister contentar-se, aliás fica sujeito a um processo por diffamação.

O dia feliz ou fatal do consorcio é fixado por um astrologo; á hora propicia o mancebo, acompanhado dos seus parentes e amigos, encaminha-se para a casa da futura esposa. No seu seguimento leva muitos moços carregados de provisões, e particularmente quatro homens com uma grande cesta, que contém não só exquisitos manjares, mas tambem uma peça

de panno branco, uma especie de corpeto de tecido de riscas azues e encarnadas, joias e louçainhas, cuja quantidade e riqueza variam segundo a fortuna da familia. Quando o marido é pobre pede-as emprestadas para figurarem apenas n'aquelle acto.

O cortejo chega sempre á hõca da noute: está preparado um pavilhão para o receber, onde se acham tambem reunidos os parentes da desposada. No meio do pavilhão, cujo chão está juncado de esteiras, os homens de cada uma das duas sociedades assentam-se em torno de um grande caldeiro de arroz, e de folhas de palmeira cheias de gulodices de toda a especie: as damas fazem o mesmo no interior da casa.

Depois da refeição, o esposo entra em casa, aproxima-se da noiva, atira-lhe com algumas bolinhas feitas de arroz cozido em leite de coco, offerece-lhe a peça de panno branco, as joias e os enfeites. A companhia passa a noute palestrando, e no dia seguinte a noiva, acompanhada do noivo, é conduzida á casa paterna, onde devem ter lugar as ceremonias sacramentaes do casamento.

O dote da mulher consiste de ordinario em mobilia de casa e em gados, e mui raras vezes em bens de raiz. Alguns viajantes referem um uso mui estranho na verdade, que consiste em permittir-se que uma mulher tenha sete maridos ao mesmo tempo, com tanto que sejam irmãos!

## HISTORIA DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL.

(FRAGMENTO DO II VOLUME — INEDITO.)

Nomeado inquisidor-mór o infante, (1539) expediram-se ordens a D. Pedro Mascarenhas para que assim o communicasse ao pontifice, dando as razões, ou antes os pretextos, que para isso houvera. Longe de deverem os christãos-novos receiar uma recrudescencia de perseguição, no entender da cõrte de Lisboa, o moço arcebispo ao mesmo tempo que ia estabelecer a conveniente severidade para com os maus, dava aos bons, pelas suas virtudes e elevada jerarchia, garantias de segurança. Por esta nomeação, porém, tornava-se mais urgente a necessidade de soltar os braços á Inquisição, e sobre tudo de tirar os poderes de revisão final concedidos ao nuncio, visto que seria absurdo haver em Portugal quem pudesse alterar as decisões de um inquisidor-mór irmão do proprio monarcha, e que se considerava como primaz das Hespanhas. Para fundamentar melhor as suas pretensões, el-rei transmittia ao embaixador a relação circumstanciada dos attentados contra a fé que os christãos-novos estavam praticando para que a apresentasse ao papa. Mas, ou porque esses factos fossem de pura invenção, ou porque, como el-rei affirmava, os conversos tivessem sido trahidos e denunciados por alguns de seus proprios irmãos, cujas traições não convinha se houvessem de suspeitar ou descobrir, é certo que se recommendava a D. Pedro Mascarenhas pedisse ao pontifice inviolavel segredo ácerca d'aquellas revelações, e rasgasse as respectivas notas logo que lh'as tivesse communicado (1).

As difficuldades com que o agente portuguez em Roma tinha de lutar eram grandes, assim porque a curia mostrava decisivas tendencias para favorecer os christãos-novos, como por outras circumstancias. Irritavam o papa as resistencias e artificios que empregava a cõrte de Portugal para evitar a extorsão das duas decimas nas rendas ecclesiasticas, ou para, ao menos, ter quinhão na preza (2). Por outro lado, nomeando-se o infante inquisidor-mór, tinha-se previsto e calculado uma collisão com o nuncio, que desse fundamento plausivel a expulsar este (3), e Capodiferro não podia ignorar-o, nem deixar de augmentar a irritação da sua cõrte prevenindo-a contra D. Henrique. Entretanto, posto que homem de poucas letras, D. Pedro Mascarenhas era uma intelligencia superior, que sabia apreciar as cousas e os homens, e sair com vantagem das luctas em que se empenhava. Character, ao que parece, recto e desinteressado, tinha a qualidade de alguns estadistas, que, collocados em logares eminentes no meio de uma sociedade e de uma epocha pervertidas, se aproveitam da corrupção para realisarem os seus intuitos sem se corromperem a si proprios; caracteres, cuja triste e suprema crença deve ser um profundo desprezo do genero humano. Residira já em Roma tempo sufficiente para avaliar bem a curia pontificia, e a idéa que fazia d'ella era extremamente desfavoravel. Na

sua opinião, para bem negociar com Paulo III, não havia outro meio senão fazer-lhe crer que ganhava no negocio (1), e por isso tinha aconselhado a el-rei, na questão das decimas, que não puzesse obstaculo a uma extorsão que só recaía sobre o clero, com tanto que parte da preza revertesse em beneficio do fisco, arbitrio que fôra acceito, embora a transacção não chegasse depois a concluir-se com todas as condições que o embaixador desejava (2). Assim entendera tambem desde logo que seria impossivel tirar-se ao nuncio o direito de revista nos processos da Inquisição, por ser prerogativa grandemente rendosa, e de que o papa se não despojaría senão por mais avultados lucros (3). A sua regra para prognosticar a solução dos negocios em Roma era saber quem dava mais. Dotado do talento de physionomista, tantas vezes util na vida aos que o possuem, lia no rosto do papa qualidades de espirito que lhe repugnavam profundamente, mas n'essa mesma repugnancia tinha incentivo para sempre estar prevenido em tudo quanto com elle tratava (4). Convencido de que onde reina a venalidade só a corrupção pôde dar o triumpho, obtinha da sua cõrte os meios de corromper, e empregava esses meios como quaesquer outros. Tentava tudo e a todos. Nem a propria reputação de Simonetta, cuja probidade severa parecia excluir quaesquer esperanças, o fez recuar. Acaso não cria n'ella. A influencia d'este prelado e a de Ghinucci eram as que mais temia. Importava-lhe compral-os. Recebidas de Lisboa as sommas necessarias, tentou Simonetta por intervenção de Santiquatro. Repellida a offerta pelo pobre velho, esperou confiado que alguma precisão instante lhe trouxesse o arrependimento da honestidade. Não tardou este. N'um apuro pecuniario Simonetta lamentou-se de ter perdido a offerta espontanea do embaixador; mas a offerta não tardou a ser renovada por diverso canal, e foi acceita. Ha o que quer que seja infernal nas ironicas desculpas com que D. Pedro Mascarenhas narra ao seu principe a prostituição d'aquellas cãs. « Entre os cardeaes — diz elle — Simonetta era tido pelo mais severo na distribuição da justiça. Como tal o collocou o papa no logar que occupa: como tal o consulta e a Ghinucci em todos os negocios mais ou menos graves. Estes foram os trances que passei com elle. O que fez não se toma em Roma por maldade, nem se estranha, porque é o costume da terra. Não me espanta por isso o valimento que teve aqui Duarte da Paz, tendo-lhes dado a comer tantos cruzados e portuguezes (5). » Depois de referir a triste victoria que obtivera, annunciava outras mais ou menos faceis. « Trabalho — proseguia elle — por a-

(1) «tudo o que V. A. quizer negociar bem com este papa ade ser pondolhe seu emterresse diante: » Carta de D. Pedro Mascarenhas de 21 de junho, na Correspond. orig. f. 93.

(2) Tudo se fará como lhe nom tocarem no seu emterresse. E V. A. d'este pam de seu compadre deixe ao afilhado levar a parte que quizer, com tanto que a de V. A. nom seja mais pequena, e nom queira ser mais piadoso da fazenda ecclesiastica do que ho he seu propio dono e vigairo universal: » Ibid.

(3) «tirando o nuncio nom aver demtender nella (na Inquisição): ho quall se nom fará emquanto abi ouver nuncio n'esse reino em vida deste papa, porque lhe vae nisso seu emterresse, o que elle nom alarga senão por outro tall ou maior: » Ibid.

(4) «guardará (o papa) o primeyro que tem feyto pela composçam que tem recebida, senom ouver outro lanco mayor sobre mim: » Id. Ibid. f. 101 v. — «Com esta mando a V. A. uma medalha em que o papa está tirado pelo natural bem ao proprio para que veja a filosomia deste pryncipe com quem negocia, a esperanza que de sy promette, e quanta razão tenho de deseyar que V. A. m'acupe em qualquer outro serviço por mais trabalho que seya, e me tire daqueste, em que o não posso servir sem doença da alma e do corpo: » Ibid.

(5) O portuguez era uma moeda de ouro d'aquelle tempo.

(1) Minuta de carta a D. Pedro Mascarenhas, na G. 13, M. 8. N.º 6.

(2) Esta negociação complicada entreteve quasi exclusivamente no 1.º semestre de 1539 o embaixador Mascarenhas, cujos habeis esforços foram em parte frustrados pela impericia dos ministros de D. João III. Consulte-se a sua curiosa correspondencia, de que existe grande parte na bibliotheca da Ajuda e algumas cartas na Torre do Tombo.

(3) «esta emleição... do infante... senão pera com elle poder mylhor deytar desse Reyno o nunevo: » Carta de D. Pedro Mascarenhas, de 21 de setembro de 1539, na Correspond. orig. de D. Pedro Mascarenhas. f. 132 v. e 133.

mansar Ghinucci, não para me servir, mas para não me empecer. Está mais pacífico, e promessas não faltam. Se lhe pudesse fazer devorar alguns cruzados, faria bom serviço a vossa alteza. Não desespero d'isso, porque sei os usos de Roma. Comecei a encetar os dous mil cruzados que vossa alteza me mandou dar para taes obras, e não creio que me fundisse mal a despeza, nem que damne no porvir. Fic-se vossa alteza da minha má consciencia, crendo que sou menos escaço da propria fazenda do que da fazenda real (1). » Com um agente d'estes, o negocio da Inquisição teria n'aquella conjunctura ganhado muito se, como dissemos, a questão das duas decimas não absorvesse quasi inteiramente as atenções de D. Pedro Mascarenhas, e não lhe repugnasse, conforme se deprehende da sua correspondencia, tratar de um assumpto enredado de interminaveis debates juridicos, que a sua alta intelligencia devia condemnar, embora não ousasse manifestal-o.

O principal, ou, pelo menos, um dos principaes fins com que o infante se collocára á frente do tribunal da fé fóra, conforme vimos, estabelecer collisões que tornassem necessaria a remoção de Capodiferro. Apenas revestido da dignidade de inquisidormór, D. Henrique nomeou novos membros para o conselho da Inquisição. Foram estes Ruy Gomes Pinheiro, depois bispo de Angra, e o augustiniano Fr. João Soares, tambem posteriormente elevado á cadeira episcopal de Coimbra (2). A escolha de Fr. João Soares era a luva que desde logo o infante arremecava ao nuncio, ou, para melhor dizer, á corte de Roma, onde aquelle frade era assás mal visto. Nas instrucções dadas por ordem de Paulo III a um dos successores de Jeronymo Riconati, a indole, as opiniões e os costumes do novo membro do conselho geral são descriptas de modo não demasiadamente lisongeiro. « O confessor d'el-rei, Fr. João Soares — diz-se ahi — é um frade de poucas letras, mas de grande audacia e em extremo ambicioso. As suas opiniões são pessimas, e elle publico inimigo da sé apostolica, do que não duvida gabar-se, como refinado hereje que é. Todos o conhecem por tal, menos o rei, por cujo temor, e porque com pretexto da confissão obtem d'elle a solução de muitos negocios, todos o acatam. É homem perigoso, e de vida dissoluta. O paço serve-lhe de convento (3). » O doutor João de Mello, um dos primeiros membros do conselho nomeados pelo bispo de Ceúta, e que mais de uma vez substituíra o inquisidor-geral nos seus impedimentos, achava-se então delegado da Inquisição em Lisboa. Creada desde logo pelo infante uma Inquisição permanente na capital, João de Mello, que se distinguia pelo seu espirito intolerante, e que d'elle continuou a dar provas, foi collocado á frente do novo tribunal. Esta nomeação feria mais particularmente Capodiferro, porque n'aquella conjunctura um successo, talvez de antemão preparado com esse intuito, tinha feito romper as hostilidades entre o inquisidor e o nuncio.

Ayres Vaz era um medico do paço, christão-no-

(1) Carta de D. Pedro Mascarenhas de 20 de junho de 1539 na Correspond. orig. f. 104 e v. N'uma carta posterior (2 de dezembro de 1539) fallando da morte de Simonetta, o embaixador mostra a sua magoa, accrescentando uma ponderação singular: « E o pior foi perder V. A. aquelle servidor que já lhe estava comprado: » Ibid. f. 199 v.

(2) Sousa, De Orig. Inquisit. p. 13. Ruy Gomes e Fr. João Soares intitulavam-se effectivamente do conselho e deputados da santa Inquisição a 22 de agosto de 1539: Processo de Ayres Vaz Process. da Inquis. de Lisboa, N.º 17:749, no Arch. Nac.

(3) Instruzione data al Coadjutore di Bergamo: Symm. T. 12, p. 42 e seg.

vo (1), cujo irmão Salvador Vaz entrára como pagem no serviço de Jeronymo Riconati logo depois da chegada d'este a Lisboa. Ganhára o nuncio extrema afeição ao pagem, e tanto o pae como o irmão do moço Salvador se haviam tornado intimos e commensaes de Capodiferro. Não limitava Ayres Vaz os seus estudos á medicina: tinha-se dedicado tambem á astronomia, sciencia cujos cultores n'aquella epocha facilmente caíam nos desvarios da astrologia judiciaria, e Ayres Vaz deixou-se embuir da mania de propheta. Em geral na Europa a astrologia suppunha-se uma cousa seria. Em Roma dominava mais que em parte nenhuma esta superstição, e, segundo a phrase expressiva de um escriptor contemporaneo, raro era o cardeal que para comprar uma carga de lenha não consultava astrologos e feiticeiros. O proprio papa tinha fé implicita na influencia dos astros, e nas predicções astrologicas (2). Ayres Vaz começara por fazer predicções á rainha D. Catharina: depois, subindo mais alto, fizera predicções politicas a el-rei. Entre outras cousas, por occasião d'uma eclipse, prophetisára a morte de um principe, e a prophécia tinha-se realisado no mais velho dos dous filhos que restavam a D. João III de todos os que até ahi tivera (3). Offerecendo ao monarcha novos vaticinios, Ayres Vaz, provavelmente mal visto já pela triste predicção da morte do principe, annunciava prosperos successos, mas confessava que as illações tiradas do aspecto dos astros não tinham absoluta certeza; porque Deus, os arcanos de cuja mente não é dado ao homem perscrutar, muitas vezes annullava as influencias sidereas. Com este correctivo os vaticinios astrologicos podiam ser e eram loucura, porém não impiedade. Entretanto uma cópia do papel, dirigido pelo pobre medico a el-rei sobre taes assumptos, foi cair nas mãos do inquisidor João de Mello. Chamado por este ao seu tribunal, Ayres Vaz confessou ser auctor d'aquelle escripto, posto que ahi houvessem introduzido alguns periodos que não eram seus. Assignou-lhe o inquisidor dia para vir defender-se do crime d'herezia que commettera. Na conjunctura aprazada apresentou-se Ayres Vaz no tribunal, rodeado de livros, prompto a mostrar os fundamentos scientificos dos seus vaticinios, e a orthodoxia das suas opiniões. Era difficil o primeiro empenho, mas facil o segundo, visto que elle submettêra tudo aos decretos inescrutaveis da Providencia, e para se defender podia invocar o exemplo do chefe supremo da Igreja. Subitamente, porém, um notario apostolico entrou no aposento, e interrompendo a solemnidade do acto intregou ao inquisidor um papel. Era uma intimação pela qual o nuncio avocava a si o julgamento d'aquella causa, e ordenava que o inquisidor fosse assistir a elle, levando consigo os theologos que deviam disputar com Ayres Vaz, entre os quaes figurava Fr. João Soares. Tinha o astrologo preparado este desfecho, mas o notario antecipára a hora. O physico pretendia primeiramente dar uma severa lição aos theologos. Teve, porém, de retirar-se, porque o inquisidor, cujas esperanças eram outras, fingiu obedecer sem resistencia aos preceitos do legado apostolico (4).

(1) Nem do processo de Ayres Vaz, nem dos documentos diplomaticos relativos a esta questão, consta que elle fosse christão-novo. Consta, porém, que o era de uma carta de D. Christovão de Castro, a f. 280 da Correspond. orig. de D. Pedro Mascarenhas.

(2) Ranke, Die Roemischen Paepste, 1 Band, 3B. (Paul III) Mendoza, ibi.

(3) O principe D. Filippe, fallecido a 29 de abril de 1539 com seis annos de idade.

(4) Todas estas particularidades são extrahidas do proces-

Passavam-se estas cousas nos meados de junho, quando a nomeação do infante para substituir o bispo de Ceuta estava já resolvida. Contava por isso João de Mello com o desforço. Foi o primeiro passo para elle collocarem-no á frente da Inquisição de Lisboa; mas o seu orgulho exigia-o mais completo. Aos autos do interrompido processo ajuntaram-se os votos dos theologos mestre Olmedo, Fr. João Soares, Fr. Jeronymo de Padilha, Fr. Luiz de Montoia e Fr. Francisco de Villafranca. Eram frades mais ou menos influentes na corte. O escripto fôra unanimemente julgado por elles heretico. Revestido o infante da nova magistratura, um dos seus primeiros actos foi, portanto, ordenar a prisão de Ayres Vaz, que os officiaes do cardeal D. Affonso, arcebispo de Lisboa, arrastaram aos carcereiros do Aljube. A lucta estava encetada. O nuncio, que debalde tentára obstar á prisão, mandou intimar o infante D. Henrique para que lhe entregasse o processo, e o cardeal D. Affonso para que soltasse o prezo; mas o promotor da Inquisição deu por suspeito o nuncio, que recusou a suspeição. Posto que este tratasse o infante de pseudo-inquisidor, o infante appellou para a sancta sé, appellação que Capodiferro igualmente rejeitou. Os textos de direito canonico e dos praxistas voavam de parte a parte (1). Era um drama em que o excesso do ridiculo só se temperava pela terrivel perspectiva de uma fogueira para o pobre astrólogo, se na refrega entre o agente do papa e os infantes, estes, que tinham a força material, não cedessem ás ameaças dos interdictos, coisa pouco provavel, visto que o intuito da nomeação de D. Henrique fôra causar um escandalo que desse em resultado a saída de Ricenati.

E o escandalo aproveitou-se. El-rei, que o fanatismo tornava instrumento cego d'estas vergonhosas contendas, escreveu uma carta ao seu ministro em Roma para que exigisse do papa o desaggravo dos infantes, desaggravo que consistia na revocação do nuncio. A narrativa do successo, como se pôde supôr, foi exagerada n'aquella carta, e os factos carregados com sombrias cores. Queixava-se D. João III sobre tudo de haver Capodiferro procedido n'aquelle caso sem o prevenir, e de ter inhibido oficialmente o infante de usar do seu officio, negando a legitimidade de uma nomeação feita por elle rei. Ordenava a D. Pedro que dissesse ao papa, como advertencia propria, que se não retirasse o nuncio, este seria expulso, até para evitar alguma commoção popular; e rompendo, enfim, um silencio que D. João III dizia ter guardado por excesso de delicadeza para com o pontifice, accusava o delegado apostolico de todo o genero de corrupções, e de ser pelo seu procedimento immoral em Lisboa o opprobrio da corte de Roma (2).

Tal era o estado a que as cousas tinham chegado; taes as tristes consequencias dos erros commettidos por um principe ignorante e fanatico, dominado por frades e por hypocritas, e que tomára por principal mister de rei perseguir a porção mais rica e mais industriosa dos proprios subditos, embora tragando affrontas, arruinando o paiz, abrindo o campo a todo o genero de immoralidades, calumniando o christianismo, e desobedecendo aos preceitos da tolerancia e da caridade evangelicas. Se Capodiferro, mo-

vido por paixões cegas, desacatára dous prelados e principes, não tinha elle, por paixões igualmente ignobeis, envilecido de antemão o episcopado sollicitando a Inquisição, tribunal que, sendo uma verdadeira delegação pontificia, cerceava n'uma das suas funções mais importantes a auctoridade dos bispos? A fonte d'onde dimanava o poder do inquisidor geral era a mesma d'onde derivava o do nuncio. Se a bulla de 23 de maio de 1536 attribuia ao primeiro a magistratura superior no julgamento dos que deslisavam da fé, o breve de 9 de janeiro de 1537 e as instrucções officiaes que se lhe haviam dado por occasião da sua vinda a Portugal auctorisavam o segundo para proceder como procedêra, e ainda para ir mais longe. Podia ter sido violento e descortez, mas não exorbitára do seu direito; e se a dignidade real fôra indirectamente humilhada n'aquelle conflicto, D. João III só tinha a queixar-se de si, que preparára os elementos de tantos desconcertos.

A. HERCULANO.

## O VOADOR.

1709—1724.

### IV.

Em quanto no Terreiro do Paço se passavam os successos que acabámos de narrar com o possivel laconismo, estava Marianna (que o leitor já reconheceu de certo no penitente da procissão dos ferrólhos) contemplando do terraço da ermida da Penha o gracioso panorama que se desenrolava ante seus olhos. Eram todas essas brancas povoações que matizam os campos d'além do Tejo, e que se estendem pela margem esquerda do rio, coroadas pela sertaneja Palmeira, que campeia sobre ellas como um castello feudal entre as aldeias do senhorio. Eram as formosas quintas de Chellas e de Arroios, esmaltando de flôres e fructos as mais verdejantes collinas. Ao longe uma faixa de altas serranias, até á distante Cintra, que erguia para o céu os campanarios da Pena e as ameias do castello mourisco. A seus pés, descendo para o valle, a casaria da cidade, em confuso labyrintho; e lá em baixo, junto aos paços reaes, aquella multidão de gente que cercava o homem, a quem tudo sacrificára a linda observadora.

Marianna entrava apenas na florida idade dos dez-ouito annos. Filha do honrado mercieiro Chrispiniano de Salles, vivia com elle e com uma velha criada que lhe servia de mãe, em uma modesta casa ao pé do Arco do Limoeiro. Bartholomeu Lourenço, que contava os seus trinta e dous annos, como dissemos, mas que era um homem de agradável presença, soube inspirar a Marianna tão louca paixão que a joven não via no mundo mais do que o formoso clérigo, apesar de conhecer que esse amor era a perdição da sua alma na eternidade, e a quebra da sua honra e da sua honestidade n'esta vida. O padre, cego tambem de amor e de desejos, via a imagem da donzella entre os seus livros de sciencia, entre os planos das suas machinas, e, n'um momento de completa allucinação, induziu a virgem a deixar o tecto paterno, e a fugir com elle, aproveitando para esta evasão a noute dos Ferrólhos, quando toda a familia estava na igreja de S. Antonio. Escapando ás pesquisas do pae e da velha criada, que a procuravam em todo o recinto do templo, Marianna entrou na sacristia, disfarçou-se em trajo de penitente, e foi collocar-se debaixo do andor. O resto da historia, até ao ponto em que o Voa-

so original de Ayres Vaz, N.º 13:186 e 17:749 dos Processos da Inquisição de Lisboa, l. cit.

(1) Processo de Ayres Vaz, l. cit.

(2) Minuta de carta a D. Pedro Mascarenhas, sem data: Correspond. orig. f. 67 v. e segg.

dor fugiu do Terreiro do Paço, já nós o esboçamos nos precedentes capitulos d'esta veridica chronica.

Seriam onze horas da manhã quando Bartholomeu se apresentou pallido e suffocado no terraço da Penha, aonde o aguardava Marianna. — Aprompta-te, bradou elle, ainda da porta, com voz tremula: vamos deixar Lisboa... talvez para sempre! Os esbirros não tardam ahí, e é preciso que nos não encontrem.

E começou a preparar a maravilhosa barca, que o Camões havia examinado; accendeu um grande fogo; revolveu os globos metallicos; passou revista ao velame; poz em ordem a bussola, o astrolabio, as cartas, os compassos e outros instrumentos; mandou buscar por Marianna alguns comestiveis; e esperou que o balão estivesse em estado de subir.

Marianna, vestida como um escolar, serena e formosa como um anjo, via aquelles preparos sem comprehender de que se tratava; e o padre, que a contemplou um momento, lá perdendo a coragem, com remorsos de sacrificar a pobre menina: porém lançando ao acaso um relancear de olhos sobre a estreita senda que conduzia á ermida, viu os familiares da inquisição que subiam apressados para o alto da montanha, e atraz d'elles o corregedor do crime, com uma grande cauda de esbirros. Todo o seu vigor usual lhe voltou.

— Mãos á obra, bradou elle animado, em dez minutos poderemos voar, e estaremos salvos!

E começou de assoprar o lume, com os grandes foles da machina; depois examinou o balão, e repetiu: — Estamos salvos!

Tal era a attenção que dava ao trabalho, que não sentiu passos na escada da communicação exterior, nem viu um homem que appareceu em seguida entre os umbraes da porta.

Marianna, que voltava da beira do terraço, aterrada por ver tantos esbirros cercando o edificio por todos os lados, estacou na presença d'aquelle homem de gesto prazenteiro, que endireitava com delicadeza os seus custosos punhos de renda, e afagava com graça os copos do espadim.

— Ora graças a Deus, que encontrei o penitente! disse o Camões do Rocio ao enxergar o lindo rosto de Marianna; e com o mais gracioso sorriso, tirou o chapéu, e fez uma mesura de côrte.

Nem a voz do corregedor teve poder para distrahir Bartholomeu do seu trabalho.

O galanteador magistrado pouco ou nada se lhe deu d'aquella desattenção, e chegando-se para a filha do honrado Chrispiniano, pegou-lhe attenciosamente na mão, e com a mais delicada cortezia tocou com os beijos nos seus lindos dedos.

A joven ficou silenciosa e immovel.

— Olá, temos jogo de sisudos?

Nem o echo respondeu ás palavras do corregedor-poeta.

— Direi pois a que vim, sr. padre Bartholomeu. A um doutor em canones, como vossa reverendissima, não será necessario citar mais do que o titulo XVIII, § 3.º do livro quinto das ordenações, que trata de...

— Marianna, bradou Gusmão com voz apressada, mas firme, embarca.

E a menina obedeceu áquella ordem, sem fazer reflexão alguma; e sentou-se na unica cadeira que existia na passarola.

— Temos muito tempo para o interrogatorio do padre, disse consigo o Camões; vamos por ora entretendo com a rapariga... que é bem boa. Muito melhor peixe do que o Voador!

Como se vê, o Camões do Rocio já era calembou-

rista, no principio do seculo XVIII; porém estava atrazadissimo em physica, e era incredulo a respeito de aerostatos, como os leitores têm observado. Não viu nenhum perigo em saltar para dentro da barca, e foi collocar-se ao pé de Marianna.

— Diga-me, perguntou elle, mais como namorado do que como juiz, a meniña não é filha do sr. Chrispiniano de Salles?

— É Marianna, não tenha duvida, sr. corregedor do crime, e eu sou Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o Voador, infelizmente para vós!

Dizendo estas palavras, o capellão deu um pulo para dentro do navio aerio, cortou com ligeireza os cordões que o prendiam ao terraço, e no mesmo instante a machina subiu airoso para o céu, abrindo as suas longas azas como um passaro gigante.

— Estaes em meu poder, sr. juiz, bradou com orgulho o clerigo.

— Misericordia! clamou o magistrado... Quem acode... quem acode... aqui d'el-rei!

— Aqui de Deus! respondeu solemnemente o padre. As justicas d'el-rei estão lá em baixo; vede como parecem pequenos os seus agentes, observados d'aqui; mirae n'esses espelhos como tremem ante o poder da sciencia, que é uma emanação da omnipotencia do Senhor!

— Que mal lhe fiz eu, padre?

— Nenhum, aliás era chegado o momento da expiação e do castigo. Ouça, e resolva com promptidão.

— Como estamos longe da terra!...

— Nós vamos deixar Portugal. Com o vento que sopra é provavel que a barca vá cair na Andaluzia, ou talvez no Mediterraneo...

— E póde-se morrer afogado?...

— Póde; ou mesmo despedaçando-se na queda, ou devorado pelas feras da Africa...

— Senhor Deus, tende compaixão do vosso servo!

— Se não quer ir mais longe, tambem póde ficar em Lisboa. Olhe eu vou soltar as velas para passar sobre o Tejo; ainda tem cinco minutos: segure-se a esta especie de chapéu de sol, é um pára-quedas, que o levará lá abaixo a salvamento.

— O padre, pois eu hei de confiar-me unicamente a esta umbrela por esses ares?

— É aviar, amigo, que já passamos o Castello.

— Assegura-me que não quebrarei as pernas?

— Nunca o sr. corregedor andou em melhor viatura... Vamos, largue-se, que d'aqui a um momento seria tarde.

E empurrando o Camões para fóra da machina, viu descer lentamente o pobre magistrado, que soltava agudissimos ais, agarrado com ambas as mãos ao pára-quedas.

Entre as acclamações do povo, que nada comprehendia do que se passava, mas que achava divertido o espectáculo, pousou a final o Camões, são e salvo, sobre uma das torres da sé.

Bartholomeu e Marianna seguiram para o sueste; o Tejo figurava-se-lhes um fio de prata entre o verde dos campos, que as casas matizavam como boninas. A final perdeu-se de vista a passarola, por traz da serra da Arrabida.

.....  
Setenta e quatro annos depois d'esta ascensão, aperfeiçoaram os irmãos Montgolfiers, em França, a machina de Bartholomeu Lourenço, portuguez-brasileiro, e proclamaram-se descobridores do aerostato.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

## CARTA III.

BISPO DO ALGARVE. ARCOS DAS AGUAS LIVRES.  
MARQUEZ DE MARIALVA.

3 de junho de 1787.

Fomos por especial convite ao real convento das Necessidades, pertencente aos congregados, ver a cerimonia da sagração do bispo do Algarve; padre d'esta casa; estivemos collocados defronte do altar n'uma tribuna atulhada de figurões de lustrosos trajes, pessoas relacionadas com o novo prelado. O pavimento estava alcatifado com ricos tapetes e coxins de veludo, onde se podia ajoelhar muito bem; mas, não obstante esta commodidade pensei que a cerimonia nunca acabava. Havia um excessivo esplendor de cruces, thuribulos, mitras e baculos, em continuo movimento, porque varios bispos assistiram com toda a sua pompa.

A musica, que era extremamente simples e pathetica, parecia commover profundamente os fidalgos que ficaram ao pé de mim, pois que mostravam semblantes compungidos e batiam nos peitos, como quem se considerava o que a maior parte d'elles são miseraveis peccadores. Sentindo-me opprimido pelo calor e pelo sermão, effectuei a minha retirada da esplendida tribuna sorrateira e caladamente, e passei para o jardim por alguns corredores estreitos, tão quentes como tubos de chaminé. Mas isto era sómente mudar de uma scena de formalidades e encerro para outra. Eu almejava por ar, e a fim de gosar d'este beneficio evadi-me por uma portinha para o silvestre e despejado valle d'Alcantara. Tudo ahi estava solitario, ouvindo-se o zumbido das abelhas, e as frescas virações sopravam da entrada do Tejo por cima das copadas laranjeiras dos pomares. O susurro refrigerante da agua nas azenhas parecia dar-me vida nova.

Arrotei com o ardor, e encaminhei-me para aquella parte do valle que atravessa o enorme aqueducto que tantas vezes tendes ouvido mencionar como o edificio mais colossal do seu genero na Europa. Tem uma só ordem de arcos ponteagudos, e o principal galgando um rapido ribeiro mede quasi 250 pés d'altura. A ponte de Garde e de Caserta tem varias arcadas umas sobre outras que dividindo a attenção a desvia da grandeza do todo. Mas n'este aqueducto é a vastidão e n'uma fieira de arcos que infunde assombro. Sentei-me no fragmento de um penedo debaixo do arco grande, e olhei para aquella abobada lá tanto acima de mim com certa impressão de respeito não de todo desacompanhada de temor, como se o edificio que eu contemplava fosse obra de um algum ente incommensuravel dotado de força gigante, a quem desse a teneta de andar saracoteando n'essa manha por cima da sua construcção, e por capricho bruto me reduzisse a impalpaveis atomos.

Perto do sitio onde me sentei havia alguns cerrados cheios de canas da altura de onze ou doze pés, cujas folhas viçosas, agitadas pela viração, faziam perenne susurro; gostei d'este murmurio que me acalentava n'um estado de repouso bem necessario depois das fadigas de trepar por alcantis o precipicios.

Logo que recolhi do passeio, Horne levou-me a jantar com elle, e depois ao palacio de Marialva a fim de pagar uma visita ao grão-prior. O pateo cheio de mesquinhas seges recordou-me a entrada de uma casa de posta em França; lembrança que não foi des-

vanecida pelo aspecto de volumosos montes de estreme, por entre os quaes não andamos pequeno espaço até á escadaria principal, tendo empeçado n'uma porca que ali retouçava com sua numerosa progenie fugindo por entre as nossas pernas com queixosos grunhidos.

Esta bulha annunciou a nossa chegada, vindo receber-nos o grão-prior, e seu sobrinho, o abbade velho, e um tropel de criados; todas as principaes familias portuguezas são infestadas de bandos d'estes, em geral, desfavorecidos dependentes, e ninguem mais que os Marialvas, que distribuem diariamente tresentas rações, pelo menos, de arroz e outros comestiveis a tão avidos devoradores.

O grão-prior desataviado de seus habitos prelaticios fez as honras da casa, e nos conduziu promptamente a todos os aposentos, e ao picadeiro, onde o marquez velho, seu irmão, posto que de idade bastante avançada, ostenta os primores da mais consummada picaria. Parece ter decidido gosto pelos relogios de parede, bussolas e pendulas; contei nada menos de dez no seu quarto de cama, quatro ou cinco em plena oscillação dando estrondosos assobios; tocavam e davam horas, porque eram as seis em ponto, quando eu seguia o meu conductor subindo e descendo meia duzia de lanços d'escada até uma sala forrada de damasco desbotado.

No centro d'este antiquado aposento havia uma meza atulhada de raridades postas ali por ostentação; curiosas obras de conchas, crucifixos de marfim, modelos de navios, xaireis bordados de pennas, e Deus sabe quantas cousas mais, tudo recendendo a camphora de um modo capaz de tombar um homem.

Quando nós olhávamos com grande applicação tapando o nariz com os lenços appareceu o conde V..., vice-rei do Algarve, de grande uniforme verde e agaloado, e de pernas largas, fazendo tregeitos como a quem tinha acontecido algum accidente desagradavel. Comtudo, estava na melhor disposição, e era o novo bispo que com muita complacencia recebeu, assim que se fez conhecer, os nossos cumprimentos.

A conversação sustentou-se coxeando intercalada de variedade de idiomas, hespanhol, italiano, portuguez, francez e inglez, todos por seu turno em rapida successão. Os assumptos d'esta salgalhada polyglotta foram as magnificencias e piedade do rei D. João V, o pezar pela extincção dos jesuitas, e o inverso pela morte do marquez de Pombal, á memoria do qual o bispo consagra pouco menos do que a execração. Este fluxo de eloquencia era acompanhado pelas mais extravagantes e ridiculas visagens que eu tenho observado, com uma chuva de perdigotos, porque o vice-rei tendo continua humidade de bôca baba-se a cada syllaba. Comtudo, não se deve decidir de salto pelas apparencias exteriores. Este personagem babão e manhoso é um distincto estadista e habil empregado, preeminente entre os poucos que tem prestado serviços e dado provas de vigor e capacidade.

Para evadir-me ás enfadonhas narrações que me escandeciam os ouvidos refugiei-me ao pé de um cravo, ao qual cantava, fazendo ao mesmo tempo acompanhamento, o Polycarpo, um dos primeiros tenores da real capella. Meio corridas as cortinas da porta de um escuro quarto contiguo, deixaram-me entrever um transitorio vislumbre da pessoa de D. Henriqueta de L..., irmã de D. Pedro, adiantando-se n'um momento e retirando-se logo n'outro, desejosa de aproximar-se e examinar as nossas figuras estra-

nhas, porém, não se aventurando a entrar na sala na ausência de sua mãe; pareceu-me uma interessante menina com olhos de uma languidez feiticeira: do que ouço dizer a seu respeito só divisei uma figura pallida, evaporavel como as que a phantasia nos finge ás vezes em sonhos. Um grupo de amáveis creanças, suas irmãs creiu eu, sentavam-se no chão a seus pés, similhando genios occultos parcialmente nas dobras dos cortinados n'alguns bellos quadros allegoricos de Rubens ou de Paulo Veronense.

Aproximada a noute brilharam as luzes nas torrinhas, terrados, e por toda a parte da singular mistura de que é composto este palacio com parecências de mourisco; metade da familia occupava-se a rezar a ladainha, outra metade em venetas e brincos, talvez de natureza pouco edificante; as monotonas vibrações da guitarra acompanhadas do ameno e brando susurro das vozes femininas entoando modinhas, tambem formavam uma extraordinaria posto que não desagradavel combinação de sons. Escutava eu com avidez, quando o clarão de archotes e a bulha d'agua batida dos remos nos attrahiram ás varandas a tempo de presenciar uma procissão que de maravilha se terá visto desde o tempo de Noé; duvido que a sua arca abrangesse uma collecção de animaes mais heterogenea do que saíu de um escaler de cincoenta remos, d'onde desembarcaram o velho marquez de M... e seu filho D. José, acompanhados de um enxame de musicos, poetas, toureiros, lacaios, frades, anões, e rapazes de ambos os sexos, phantasiosamente vestidos.

Parece que todo o rancho voltava de uma romaria a certo santo da outra banda do Tejo. Primeiro saltou um anão corcovado assoprando uma pequena e chiadora trombeta, logo em seguida um par de capitães de guias apparentemente commandados por um personagem fanfarrão, velho e burlesco, de uniforme apparatoso, e que me disseram ter representado a parte de uma especie de brigadeiro geral n'uma casta de ilha; se fosse a Barataria, Sancho o teria cedo despojado do cargo; porque, a acreditar a chronica escandalosa de Lisboa, de raro apparece um truão mais impudente, parasita e atoneiro.

Logo nos calcanhares d'estes vinham com affectada gravidade um frade de aspecto selvagem, alto como Sansão, e mais dous capuchinhos pezadamente carregados ignoro com que provisões; apoz dos frades um boticario muito magro e descorado, todo vestido de preto, completamente correspondendo em gestos e trajo á figura que cada um imagina do senhor Apuntador no Gil Braz; seguia-o um orate improvisador que nos disparava nm esguicho de versos ao passar debaixo das sacadas a que estavamos encostados. Difficilmente se podia ouvir no confuso tumulto de aguadeiros e criados de servir com gaiolas de passaros, lanternas, cabazes de fructa, e capellas de flores, caminhando aos saltos, com grande deleite de um bando de rapazes, que para melhor arremedarem os habitantes dos céus traziam azas resplandescentes e ondeantes pegadas aos hombros rosados. Alguns d'estes anjinhos de comedia eram extremamente lindos, e tinham o cabello encaracolado com muita elegancia.

O marquez velho é loucamente amigo d'elles; com elle estão noite e dia, e assim participa de todas as vantagens que uma constituição physica decadente pôde tirar do folego juvenil e innoxio; o patriarcha dos Marialvas tem seguido este regimen ha muitos annos, e tambem alguns outros que serão custosos de acreditar. Tendo uma facilidade mais que roma-

na para engolir immensa profusão de golodices, e dando sempre campo a novo provimento, é enorme a comida que eu vi estendida na meza para elle. Ninguém me acreditaria em Inglaterra se pelo miudo a referisse; dê-se largas á imaginação sobre tudo o que pôde conceber-se em materia de gula, e nenhuma hypothese excederá a realidade.

Logo que todo o conteudo, quer do reino animal quer do vegetal, existente no escaler principal e em mais tres ou quatro lanchas da comitiva foi depositado nas respectivas tocas, cantos e poleiros, recebi convite do velho marquez para participar de uma merenda no seu aposento. Estou bem certo que nada menos de cincoenta criados faziam o serviço da meza; e além de meia duzia de tochas, que eram levadas por estado adiante de nós, para mais de cem velas de cera estavam accesas ao longo das camaras, de mistura com perfumadores e caçoilas que diffundiam mui agradável aroma.

Achei o dono de toda esta magnificencia mui cortez, lhano e affavel. Ha uma urbanidade e genio alegre expresso no seu olhar, voz e gestos, que immediatamente predispõe a seu favor, e justifica a geral popularidade de que gosa, e o affectuoso nome de pae com que a rainha e real familia frequentemente o tratam. Todas as graças da corôa se tem accumulado na sua pessoa, tanto pelo actual como pelos precedentes soberanos, fluxo de prosperidade não interrompido nem mesmo durante o grande viziriato do marquez de Pombal. «Procedei como julgardes mais acertado com toda a outra nobreza (costumava dizer o rei D. José ao seu formidavel ministro), mas livrae-vos de intrometter-vos com o marquez de Marialva.»

Em consequencia d'esta decidida predilecção o palacio de Marialva veio a ser em muitos casos uma especie de ponto de reunião, um asylo para os opprimidos, e seu dono em mais d'uma occasião um escudo contra os raios de tão poderoso ministro. As recordações d'esse tempo parece estarem ainda vivas, por quanto o cordeal respeito é filial affecto, que eu vi tributar ao velho marquez são na verdade notaveis; os seus mais leves movimentos de olhos eram obedecidos, aquelles a quem se dirigiam mostravam-se gratos e animados; seus filhos, o marquez de Tancos e D. José de Menezes, nunca se chegavam a offerecer-lhe alguma cousa sem ajoelharem; o conde de Villa Verde, herdeiro da grande casa d'Angeja, e o vice-rei do Algarve, ambos de pé no circulo que se formára á roda d'elle, recebiam uma palavra sua benigna ou affavel com o mesmo fervoroso agradecimento dos cortezãos que dependem dos sorrisos e favor de seus soberanos. Por muito tempo me lembrarão as gratas sensações de que mē penetrou esta scena de reciproca benevolencia; asfigurou-se-me um escambo de amigaveis sentimentos, benevolencia dispensada sem artificio nem affectação, e protecção recebida sem maligna ou abjecta vileza.

Quão preferivel é um governo patriarchal d'esta natureza ás deslavadas theorias que sophistas pedantes desejariam estabelecer, e que, se fossem ávante os seus interesseiros e atheistas delirios, solapariam os melhores e mais seguros esteios da sociedade! Quando os paes cessarem de ser venerados por seus filhos, e se não conhecerem os sentimentos de agradecida subordinação n'aquelles de idade ou condição, que carecem de amparo e auxilio, em breve os reis cessarão de reinar, e as republicas de ser governadas pelos conselhos da experiencia, a anarchia, a rapina, a carnagem percorrerão a superficie da terra.

e a morada dos demonios será transferida do inferno para o nosso desventurado planeta!

(Continua.)



### OS PENEDOS DE BRIMHAM.

No Yorkshire, (Inglaterra) a algumas leguas de Kipley, na estrada de Patley-Bridge, vêem-se alguns grupos de penedos de forma singular, conhecidos sob o nome de *Brimham rocks*. Estes grupos, espalhados irregularmente em um espaço de cerca de quarenta geiras, dão testemunho não equivoco de alguma grande commoção natural. Todavia os archeologos consideram estas pedras colossaes como monumentos celticos. Tal hypothese não está em harmonia com o facto geralmente conhecido de que as pedras druidicas foram transportadas de longe para os lugares em que actualmente se encontram: era esta, segundo parece, uma das condições essenciaes de sua consagração. Por outra parte, os *Brimham rocks* não apresentam em sua forma e disposição nenhum dos caracteres que offerecem constantemente os monumentos a que pretendem assimilal-os. O que não admite duvida, porém, é que estas pedras foram trabalhadas com grosseiros instrumentos. Algumas têm no cume outros penedos menores oscillantes. A que representa a nossa gravura, que M. Hayman Rooke não hesita em alcunhar de idolo, assenta em um pedestal cortado á maneira de hexagono. Outro rochedo, a que chamam a *peça grande*, dá sons cavernosos em uma das extremidades, dizendo-se qualquer cousa em voz baixa n'uma especie de nicho cavado da parte opposta. Outro finalmente, posto n'uma collina altissima, e que o povo denomina *pedra*

do meio dia, projecta a sua sombra, no meio do dia, sobre uma choupana proxima. Todos os annos, na noute de S. João, desde tempo immemorial, accende-se uma fogueira ao pé do rochedo, e este costume não é dos menores indicios que têm os archeologos para attribuir aos *Brimham rocks* antiga applicação religiosa.

A HERANÇA DO CHANCELLER, COMEDIA EM 3 ACTOS  
E EM VERSO, PELO SR. JOSÉ DA SILVA MENDES  
LEAL JUNIOR. 1 VOL. 8.º BR.

Esta nova comedia, producção do illustre auctor dos *Homens de Marmore*, e de tantas outras obras primorosas, escripta expressamente para se representar no theatro de D. Maria II, no dia 16 de setembro proximo, anniversario de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, achar-se-ha á venda no dia 15, na livraria do editor, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na de Lavado, rua Augusta, n.º 8. Nas provincias, ultramar e estrangeiro poderá procurar-se em casa dos correspondentes do Panorama. Preço 400 réis.

### EPHEMERIDES HISTORICAS.

AGOSTO 1

1498—Descoberta do continente da America por Christovão Colombo.

1589—Jacques Clemente assassina Henrique III de França.

1600—Morre em Coimbra o famoso escriptor portuguez Amador Arraes.

2

1648—Derrota dos realistas irlandezes em Bathmines.

1830—Carlos X abdica a corôa de França no duque de Angouleme, e este no duque de Bordeus.

1830—Rosas é nomeado dictador pelos argentinos.

3

1792—Luiz XVI é accusado de conspirador.

1792—Morte do celebre fabricante inglez Ricardo Arkwright.

4

1704—Gibraltar é tomada pelos inglezes.

5

1435—Derrota naval da armada aragoneza pelos genovezes.

6

1840—É prezo em Bolonha o actual imperador dos francezes.

7

1628—Fundação do convento do Bussaco, da extincta ordem dos carmelitas descalços.

8

1827—Morte de Canning.

1822—Fallece perto de Reggio o poeta inglez Shelley.

9

1805—Ligam-se a Austria, Inglaterra e Russia contra a França.

1412—Derrota dos hungaros em la Motta por C. Malatesti.

10

1506—Tristão da Cunha descobre a grande ilha de Madagascar.

1557—Os francezes são derrotados pelos hespanhoes em Santo Quintino.